



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADE - CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

LINHA DE PESQUISA:
HISTÓRIA, MEMÓRIA E COTIDIANO

ISABEL CRISTINA PEREIRA DE OLIVEIRA

**MEMÓRIA E AUTOBIOGRAFIA: A importância das narrativas memorialísticas
e do relatório de estágio na formação docente.**

GUARABIRA
2017

ISABEL CRISTINA PEREIRA DE OLIVEIRA

MEMÓRIA E AUTOBIOGRAFIA: A importância das narrativas memorialísticas e do relatório de estágio na formação docente.

Trabalho de conclusão de curso, apresentado á coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, sob orientação do Prof.^a DR. Francisco Fagundes de Paiva Neto.

GUARABIRA
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

O48m Oliveira, Isabel Cristina Pereira de.
Memória e autobiografia [manuscrito] : a importância das narrativas memorialísticas e do relatório de estágio na formação docente / Isabel Cristina Pereira de Oliveira. - 2017
37 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Memória. 2. Autobiografia. 3. Formação Docente.

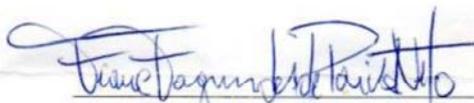
21. ed. CDD 901

ISABEL CRISTINA PEREIRA DE OLIVEIRA

Trabalho de conclusão de curso da
Universidade Estadual da Paraíba/
Campus-III, apresentado como parte dos
requisitos para à obtenção do título de
Licenciatura Plena em História.

Aprovada em: 05/09/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof.Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto (Orientador)
UEPB (Universidade Estadual da Paraíba)



Profª. Dra. Simone da Silva Costa
UEPB (Universidade Estadual da Paraíba)



Profª. Dra. Verônica Pessoa da Silva
UEPB (Universidade Estadual da Paraíba)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele eu não teria forças para enfrentar essa longa jornada e, apesar de todas as dificuldades sempre esteve comigo, me guiando e guardando de todo mal.

Agradeço aos meus pais Manoel Soares de Oliveira e Maria Da Luz Pereira de Oliveira, que não só neste momento, mas em toda caminhada sempre estiveram comigo, semeando compreensão e estímulo em todos os momentos.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto pelo o apoio prestado, pelas sugestões e correções, pela disponibilidade e incentivo que sempre demonstrou. A ele exprimo a minha gratidão.

Agradeço as minhas amigas: Daviana, Rylandia, Gerlane e Ray pela força e pelo carinho que sempre me prestaram nos momentos mais difíceis. Não existe dádiva maior que possuir pessoas tão especiais como vocês!

Agradeço a todos os amigos que partilharam essa caminhada acadêmica comigo, em especial: Sandra, Amanda, Nayara, Velbiane, Rafaele, Aniely, Suziely, Max, Marli, Joyce, Daniel, Renata e Elizandra. Sou grata a Deus por ter partilhado grandes momentos ao lado de pessoas maravilhosas. A todos os amigos que de forma direta ou indireta, contribuíram na realização desse sonho.

Não poderia deixar de agradecer a minha família, minha base, meu alicerce, por todas as palavras de carinho nos momentos em que mais precisei e, por todo apoio econômico que foi essencial para essa grande conquista.

E, finalmente, agradeço a todos os professores pela partilha do conhecimento durante esses anos de graduação, pelos ensinamentos e lições para a vida!

*De tudo ficam três coisas...
A certeza de estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos
Antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda um passo de dança...
Do sonho uma ponte.*

(Fernando Sabino)

HISTÓRIA

OLIVEIRA, Isabel Cristina Pereira de. **MEMÓRIA E AUTOBIOGRAFIA: A importância das narrativas memorialísticas e do relatório de estágio na formação docente**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), UEPB. Guarabira, 2017.

RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão sobre memória e autobiografia levando em consideração o ofício do professor na sala de aula e as dificuldades existentes em sua formação inicial, onde são postas minhas memórias escolares e minha experiência no estágio supervisionado III. Com esse escrito, podemos refletir sobre a profissão docente e as mudanças ocorridas no ensino, na sociedade e na história recente do país. É importante enfatizarmos o papel do professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem, possibilitando situações que predisponham os alunos a discussões, opiniões e trocas de experiências. Através dos memoriais e dos relatórios de estágios podemos pensar sobre a formação pedagógica docente e os desafios dos educadores em formar futuros profissionais.

Palavras-chave: Memória. Autobiografia. Formação docente.

HISTÓRIA

OLIVEIRA, Isabel Cristina Pereira de. **MEMÓRIA E AUTOBIOGRAFIA: A importância das narrativas memorialísticas e do relatório de estágio na formação docente**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), UEPB. Guarabira, 2017.

Abstract

This article makes a discussion about memory and autobiography taking into account the teacher's office in the classroom and the difficulties in his initial formation, where my school memories and my experience in the supervised stage III are put. It is important to emphasize the role of the teacher as mediator of the teaching-learning process, enabling situations that predispose the students to Discussions, opinions and exchanges of experience. Through memorials and traineeship reports we can think about teacher education and the challenges of educators in training future professionals.

Keywords: Memory. Autobiography. Teacher training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 PERSPECTIVAS SOBRE MEMÓRIA E AUTOBIOGRAFIA.....	10
3 MEMÓRIAS ESCOLARES E EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.....	18
3.1ELEMENTOS PARA REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO.....	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
ANEXO OU APÊNDICE	

1 INTRODUÇÃO

A relação entre memória e autobiografia é de fundamental importância para entendermos o processo da formação docente. As histórias do tempo da infância e da escola estão ligadas a nossa passagem pelo mundo, algumas dessas memórias se manifestam de forma simples, simbólica e imaginária, e muitas vezes nos levam a profundas reflexões sobre quem somos, qual é a nossa importância, qual o nosso papel, e o que podemos fazer para construir um universo melhor. Recordar o passado não é uma tarefa simples, pois, às vezes, despertamos sentimentos que estavam guardados na profundidade da memória. É importante para nós educadores tomarmos posse de nossa história, para que a cada dia possamos melhorar, evoluir e aprender, pois o mundo vive em constante mudança, e dessa forma podemos buscar novas formas de conhecimento. Através das vivências no cotidiano escolar, temos a chance de crescer como pessoa e como profissional, pois a sala de aula é um espaço voltado para o encontro entre professores e alunos, onde ocorre uma troca de conhecimento que possibilita a construção do processo de ensino-aprendizagem.

O estágio curricular é um componente obrigatório, de fundamental importância para o processo formativo e para obtenção do certificado nos cursos de licenciaturas, o que oportuniza ao estudante exercer sua profissão na área em que vai atuar. É um processo de aprendizagem necessário, que deve possibilitar aos discentes uma experiência que aproxime a teoria da prática, havendo uma articulação entre ensino e pesquisa. O aluno deve se aproximar do espaço educacional e da realidade na sala de aula, para poder realizar as observações e fazer uma reflexão sobre as práticas pedagógicas ali efetivadas.

Através do curso de Pedagogia, podemos ter acesso ao estudo dos paradigmas educacionais e do processo de formação de professores, dessa maneira podemos ampliar o conhecimento em relação à didática. As tendências pedagógicas diferem-se umas das outras, ou seja, a visão de homem e de mundo modifica-se com o passar do tempo, muda-se a forma de ensinar, muda-se o papel do professor, do aluno, a metodologia, e, conseqüentemente, a forma de avaliar.

Concluindo à última etapa do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em História, devemos ter em mente que a necessidade de uma experiência prática, fazendo uso dos fundamentos teóricos aprendidos ao decorrer desses oito períodos. Nesse momento, já no exercício da profissão, devemos aliar a teoria à prática, para que possamos enriquecer essa etapa profissional e de formação acadêmica do futuro docente. O professor é a base para uma boa formação escolar, tornando-se assim um dos profissionais mais importantes da sociedade, pois exerce grande influência na construção do cidadão. É preciso saber lidar com as diferenças, e assumir seu papel principal como orientador, motivador e gestor da aprendizagem.

O presente artigo trás uma discussão teórica sobre memória e autobiografia levando em consideração minhas memórias escolares e a experiência obtida no estágio supervisionado III, para que dessa maneira possamos refletir sobre a formação docente e as dificuldades encontradas no exercício da profissão. O objetivo é mostrar a importância das narrativas memorialísticas e das atividades práticas do estágio na construção do saber docente.

2- PERSPECTIVAS SOBRE MEMÓRIA E AUTOBIOGRAFIA

Segundo Jacques Le Goff (1994), a memória se encontra no próprio alicerce da história, ela é a propriedade pela qual se conserva certas informações e nos permite atualizar informações passadas. Tornou-se objeto de reflexão historiográfica, onde ocorre uma busca por acontecimentos passados, por coisas já vividas, que são editadas e conectadas com o presente. Essa forma de armazenamento mental de representações passadas é de extrema importância para sociedade, pois através dela encontramos uma forma de tirar proveito dessas experiências, tornando a historiográfica num campo mais abrangente, num universo vasto e com diversas modalidades historiográficas.

Ecléa Bosi em “Memória e Sociedade: Lembranças de velhos”, trás para nós experiências de pessoas velhas, através de um estudo baseado nas coisas em comum existentes entre esses sujeitos. Podemos notar como ela vai se desfazendo de si mesma e se entregando as histórias dessas pessoas, ou seja, há uma interação profunda com as figuras estudadas, em que foram buscadas várias formas para que elas se sentissem livres para prestar seus depoimentos. O principal objetivo é registrar a voz daqueles que

nos antecederam, trabalharam por nós, por seus contemporâneos, que por muitas vezes são esquecidos, mas mantém suas recordações vivas que em vários momentos afloram nos acontecimentos mais simples da vida, seja num cafezinho, em plena manhã fria, ou numa tarde ensolarada no jardim.

O velho ao lembrar-se do passado não está descansando, pois ele está tomando posse do próprio passado, da substância de sua vida. A relevância de estudar as lembranças de pessoas idosas se encontra na razão de elas já terem atravessado um determinado tipo de sociedade, viveram quadros culturais, políticos e econômicos diferentes, se tornando uma fonte histórica viva de um determinado tempo e espaço.

Jacob Blanc em seu artigo: “O ÚLTIMO PRESO POLÍTICO: JUVÊNIO MAZZAROLLO NO CREPÚSCULO DA DITADURA MILITAR NO BRASIL”, faz um estudo da memória do jornalista Juvêncio Mazzarollo que foi preso pela Lei de Segurança Nacional. Juvêncio cresceu no Rio Grande do Sul, era filho de pais italianos, foi vítima das injustiças que existiam no campo brasileiro naquela época. Defensor das questões sociais mais precisamente da causa indígena foi levado pelo comando militar em 1968, e processado pela Segurança Nacional. Juvêncio foi preso e lutou por sua liberdade, 562 dias depois foi solto, e se tornou um símbolo de luta e resistência nacional.

Muitas batalhas permaneceram para aqueles que lutaram pelo fim do regime militar, mas a libertação de Juvêncio foi um exemplo de que a abertura democrática brasileira foi finalmente se aproximando. Após 562 dias de prisão, Juvêncio estava livre. De maneira mais significativa, após duas décadas de repressão, o próprio Brasil esteve perto de vencer a sua própria libertação das garras de autoritarismo. (BLANC, 2016, p.420)

Como grande jornalista que era, Juvêncio ajudou o movimento de agricultores e tornou-se um dos símbolos da luta contra a ditadura, mostrando persistência e coragem, tornado-se assim uma das figuras mais importantes em meio à luta social. Sua história está relacionada a memória da resistência, pois ele foi um sujeito que lutou contra as mais diversas formas de repressão durante o período da ditadura no Brasil. De acordo com Schilling (2010), a memória é individual, mas sua construção é feita através de um acontecimento coletivo:

A memória, é verdade, é sempre individual, é uma construção individual, mas ela só pode ser construída coletivamente, cada um coloca um pedaço, um fragmento dessa memória em algo maior, num coletivo. (SCHILLING, 2010, p.143)

A memória individual de Juvêncio foi colocada em um evento coletivo que foi a ditadura militar, quando vários brasileiros foram vítimas de censuras por parte de um governo repressor. Tornando-se assim, uma das figuras lembradas pela forma de lutar e resistir, ele foi um dos poucos que tiveram suas experiências registradas. Sua memória é de grande importância para a historiografia brasileira, pois é essencial para entendermos um triste momento histórico ocorrido no Brasil. Le Goff enfatiza que a memória nos remete a um fenômeno individual e psicológico, onde existem diferentes formas de ligação. As questões sociais tornaram-se uma das formas mais fundamentais para resgatar os problemas do tempo e da história, valorizando a memória daqueles que foram excluídos. Ou seja, é preciso dar voz aqueles que foram silenciados pela historiografia.

Conforme Peter Burke (2000), os historiadores precisam se interessar pela memória, pois ela além de ser uma fonte histórica, é também um fenômeno histórico. A valorização da memória é de suma importância para a produção historiográfica, pois valoriza aqueles que não tiveram reconhecimento por parte da história, tornando-se dessa maneira uma fonte de reconstrução do passado.

O ofício do professor tem sido discutido por diversos estudiosos, é importante enfatizar que os métodos biográficos e posteriormente os autobiográficos, amparados pela história oral, são de grande importância para entendermos essas nuances ocorridas em meio às experiências escolares. O saber docente vive em meio a desafios diários que ultrapassam a formação acadêmica, e precisamos buscar explicações para várias questões complexas existentes no meio educacional. Souza (2007) destaca que:

Autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação são modalidades tipificadas da expressão polissêmica da história oral. (SOUZA, 2007, p.67)

Todas essas áreas são caracterizadas pela história oral, ou seja, ela possui várias vertentes, e diversas formas de se trabalhar. De acordo com Nunes e Cunha (2005), os métodos biográficos começaram a se proliferar a partir da década de 1990, com diversos estudiosos, entre eles teóricos e pesquisadores trazendo discussões acerca do ofício do professor e do saber docente. Concordamos com Roiz (2011, p.139) quando ele define a pesquisa biográfica:

Não como uma abordagem apenas preocupada com o sentido da ação dos grandes homens, nem tão pouco simplesmente os inserindo em seus

contextos, por meio da análise dos principais acontecimentos em que estes estariam vinculados.

Segundo Roiz (2011), as abordagens biográficas têm procurado dialogar com os acontecimentos, com suas conjunturas e estruturas, com indivíduos e grupos, de modo que fuja de uma visão linear, e se torne um campo mais amplo. Houve um aumento nos estudos biográficos nas últimas décadas, o que fez com que crescesse a produção de biografias e que levou muitos estudiosos a questionar os caminhos e descaminhos que a própria biografia percorreu na história, e as relações estabelecidas entre biografia e história.

Para Saveli (2006), estudos vêm fortalecendo a relação entre memória e história, e facilitando a produção de autobiografias. Utilizar o recurso da narrativa autobiográfica levou muitos professores a escrever episódios de sua vida profissional e pessoal. O campo da história oral abrange essa conexão entre história e memória, no qual os memoriais e as autobiografias estão inseridos.

As narrativas autobiográficas são um espaço de reflexão entre si. Ou seja, o sujeito pode fazer uma auto-escuta de si próprio, de suas trajetórias pessoais, e de sua própria vida. Ao fazer isso, nós escrevemos um pouco da nossa história, de coisas que nos acontecem ao longo do tempo, os fatos mais marcantes que relatam parte da nossa trajetória. Assim, ao escolher trabalhar com gênero memorial, o pesquisador precisa entender que seu principal objetivo é atingir o destinatário, apresentando uma imagem de si próprio que atenda as exigências circunstanciais do contexto (SAVELI, 2006). De acordo com Saveli, os estudos narrativos de autobiografias e memoriais estão inseridos dentro da história oral, onde possuem um vínculo com a história e a memória:

As narrativas autobiográficas ou memoriais estão no campo da história oral que abarca estudos entre memória e história, trajetória pessoais, biografias, autobiografias e histórias de vida. O exame de narrativas memorialísticas, autobiografias, diários vem sendo constituído com uma tendência metodológica no contexto da pesquisa. (SAVELI, 2006, p.95)

A história oral é uma área muito vasta, que abarca vários tipos de pesquisas, abrindo outros espaços para novas pesquisas historiográficas, sejam através de biografias ou de autobiografias, que ajudam na construção de narrativas memorialísticas que abarcam histórias de vidas, trajetórias pessoais, entre outras.

O campo dos estudos autobiográficos é muito extenso, pois podemos trabalhar com temáticas diferentes, sejam elas experiências profissionais ou pessoais, o que facilitou a produção de narrativas memorialísticas. A autobiografia é escrita, predominantemente, na primeira pessoa (eu), diferentemente da biografia que predomina o uso da terceira pessoa (ele). Falar de si mesmo é sempre um exercício difícil, pois requer muita reflexão e nunca podemos ver apenas aquilo que queremos enxergar.

De acordo com Saveli (2006, p. 95-96), memoriais de professores se tornaram objetos de estudos na pesquisa educacional. Estes que se caracterizam como um exercício de escrita criado pelo próprio narrador, que busca fazer uma conexão com si mesmo e debater seus dilemas pessoais e profissionais, e faz com que afloremos nossos sentimentos, angústias, frustrações e desejos. Os professores buscam na memória imagens de sua infância e falam de suas experiências pessoais e profissionais, sempre fazendo uma relação com o presente, com tudo que estão vivenciando no momento atual. Silva (2013) começa falando de sua vida pessoal em suas narrativas memorialísticas:

Nasci na cidade de Angicos, interior do Rio Grande do Norte, no ano de 1977. Venho de família muito humilde: minha mãe cursou até o quinto ano do ensino fundamental e meu pai é analfabeto, pois não tiveram oportunidade de estudar devido ao trabalho árduo da roça. Mesmo assim tiveram o cuidado de matricular os cinco filhos na escola. (SILVA, 2013, p.8)

É comum começar os relatos narrando sua trajetória pessoal, sua história familiar, falando das dificuldades enfrentadas por seus pais para frequentar uma escola, das batalhas vividas, do trabalho árduo que muitos enfrentaram para sustentar seus filhos e mantê-los na escola. A autora também fala de suas lembranças escolares durante a infância, das brincadeiras e atividades praticadas com os colegas, não deixando de enfatizar a relação das professoras com a turma:

Recordo que minha sala de aula ficava em um galpão de madeira muito arejado, onde cantávamos muitas músicas infantis, brincávamos em um recanto de areia e nossas atividades eram muito divertidas com bastante pinturas em desenhos mimeografados para colorir com coleções de madeiras e giz de cera. As professoras não incentivavam os alunos a construir seus próprios desenhos, deixando assim de estimular o processo criador e o fazer artístico das crianças. (SILVA, 2013, p.8)

É importante sempre falar da relação professor-aluno e da convivência com os colegas de sala, pois isso nos possibilita entender o universo escolar existente dentro daquela escola, para que assim possamos refletir sobre as transformações ocorridas no meio educacional, e, dessa forma, estabelecer relações com épocas diferentes.

Esses relatos nos mostram um pouco das experiências desses profissionais da educação e nos abre vários horizontes sobre os acontecimentos marcantes que ocorreram na vida dessas pessoas. O memorial pode ser elaborado passo a passo e nele deve aparecer as nossas impressões pessoais, as vitórias, as derrotas, os acertos e também as falhas. Essa condição acaba se tornando uma espécie de diário, onde o narrador pode escrever o que vivenciou ao longo de sua trajetória e também fazer reflexões sobre o tempo presente. É a oportunidade do narrador falar sobre suas experiências na sala de aula, de como foi sua vida escolar e acadêmica, e também sua relação com a prática pedagógica. Nogueira; Sorato e Silva (2012) enfatizam que a construção de memoriais é uma de reflexão sobre si mesmo, para que assim, possamos nos reconhecer como profissional e como pessoa.

A escolha pela narrativa autobiográfica se deu porque o processo de construção de memoriais é uma plataforma de lançamento à reflexão sobre si mesmo e um bom dispositivo para a compreensão de formação pessoal e profissional. Além desse tipo de escrita autobiográfica se um exercício poderoso de meta-reflexão e, portanto, de tomada de consciência de quem somos nós em diferentes dimensões da nossa existência. (NOGUEIRA; SORATTO; SILVA, 2012, p.10)

A construção das narrativas autobiográficas através dos memoriais é um exercício reflexivo que nos leva a grandes dimensões, pois nos faz pensar sobre nossa formação profissional e pessoal. É importante atentarmos para as diferentes formas reflexivas existentes em meio aos estudos memorialísticos, que diz respeito a nossa própria existência.

O que a memória grava é resultado de um trabalho reflexivo, de uma organização e (re) construção psíquica e intelectual, onde os acontecimentos são selecionados. Para um professor, escrever um memorial é recuperar suas experiências, registrar os acontecimentos, refazer, reconstruir e repensar as experiências passadas com imagens e idéias de hoje. (SAVELI, 2006). Cada um procura descrever suas experiências de maneira própria, especial e peculiar, testemunhando sua vida, e sua profissão, que se norteia pelo exercício do educar. Martins; Militz e Souza (2012) nos

leva a refletir sobre os problemas existentes na formação inicial dos professores, em meio às atividades desenvolvidas na prática do estágio:

Um dos mais importantes problemas da formação inicial está relacionado à formação pedagógica do professor, notadamente, desenvolvida nas atividades de prática e estágio, principalmente, pela desarticulação entre os conhecimentos específicos e pedagógicos, que são trabalhados de forma descontextualizada para os futuros professores, por isso sem significados, não conseguindo, assim, mostrarem-se importantes em suas futuras atividades docentes. (MARTINS; MILITZ; SOUZA, 2012, p.12)

São grandes os problemas relacionados à formação pedagógica do professor, esses desafios são sentidos na prática, através da experiência de estágio, pois são grandes as exigências para que haja um ponto de contato entre os saberes específicos e pedagógicos, que na maioria das vezes estão fora de contexto, o que acaba dificultando o trabalho dos futuros docentes.

É muito importante que seja mantida uma articulação entre os conhecimentos específicos e pedagógicos, para que assim, os problemas iniciais de formação referente às práticas de estágios sejam solucionados. O estágio nos permite conhecer a realidade da educação e se torna um passo importante para colocar em prática o conhecimento acadêmico e desconstruir paradigmas impostos em sala de aula. É indispensável para a formação nos cursos de licenciatura e necessário a todos que desejam se preparar para enfrentar os desafios de uma carreira como profissional da educação.

Desde a década de 1980, que essa problemática relacionada às licenciaturas é estudada, nela foram detectadas várias diferenças entre as perspectivas dos profissionais envolvidos com áreas específicas de conhecimento, esses aspectos continuam em pauta nos debates dos dias atuais, quando são buscadas explicações para questões desafiadoras relacionadas à formação docente. (MARTINS; MILITZ; SOUZA, 2012). Os memoriais e os relatórios de estágio, ou seja, as autobiografias desses profissionais são fontes que nos ajudam a refletir sobre os futuros professores e saber qual o tipo de formação que eles receberam.

É possível notar que existe uma ausência de continuidade profissional, e isso pode ser percebido através de uma crise existente sobre a condição de ser professor. Vários fatores influenciam para que isso ocorra, como por exemplo: Baixa remuneração, violência, carência de recursos materiais, dentre outros que contribuem para esse déficit na educação brasileira. (PAIVA NETO, 2015). Ainda seguindo a linha

de pensamento do autor, dessa maneira muitos acabam fazendo concurso pra outras áreas como, por exemplo: a de segurança pública, ingressando na graduação de Direito ou buscando outros setores de serviços. De acordo com Nogueira; Sorato e Silva (2012) existem muitas condições desfavoráveis oferecidas pela sociedade ao sujeito e profissional da educação:

Mesmo sabendo das condições oferecidas pela sociedade, muitas vezes desfavoráveis à nossa condição de sujeito e profissional, não podemos agir com completa passividade, já que aprendendo a dialogar com os outros, despertar seus sonhos, esperanças e desejos, há a possibilidade de ensinar outra maneira, atentos às desigualdade e diferenças, assumindo por inteiro uma relação pedagógica humana.(NOGUEIRA; SORATTO; SILVA, 2012, p.10)

Devemos ficar atentos a todas as dificuldades existentes, para que possamos dialogar com nossos alunos e não agirmos como meros seres passivos, o professor deve assumir um papel pedagógico e estar aberto para novas maneiras de ensinar, combatendo as desigualdades e diferenças sociais existentes em nossa sociedade.

O professor além de ensinar, deve estar preparado para exercer um diálogo com seus alunos e ajudá-los a compreender o mundo em que vive, pois a postura docente em relação aos alunos é de extrema importância. É dever do professor ser compreensivo e companheiro, acompanhar o processo de construção de conhecimentos dos discentes, para que assim possamos lutar contra as más condições oferecidas pela sociedade. Martins; Militz e Souza (2012) entendem o memorial de formação como um importante instrumento de transformação no processo de aprendizagem do sujeito:

O memorial de formação, entendido aqui como um instrumento que vem potencializando os processos de aprendizagem e transformações dos sujeitos durante seu percurso formativo, abre espaço para problematizações sobre o ser professor a partir de aspectos subjetivos que se configuram no agir e no desempenho da formação e construção profissionais. (MARTINS; MILITZ; SOUZA, 2012, p. 21-22)

Os estudos memorialísticos vêm trazendo novas inquietações referentes à formação docente, os quais abrangem novas problematizações sobre o ofício do professor e as transformações ocorridas durante o processo de construção profissional.

É importante que haja um debate em torno do fazer pedagógico no processo de ensino-aprendizagem, e através dos memoriais de formação podemos entender melhor o percurso formativo desses sujeitos, reconhecendo os sacrifícios que a profissão docente

exige. Essas histórias profissionais e de vida nos possibilitam descobrir identidades individuais e coletivas, permitindo a construção de novos saberes. É preciso que aconteça uma inserção de metodologias ativas, para que assim ocorra uma abertura ao docente, permitindo estabelecer discussões com os seus alunos.

A memória está presente nos primórdios da própria História, ela age sobre o que foi vivido e tem a capacidade de armazenar e recuperar informações. A memória requer um esforço mental que é preciso para conectar pedaços de acontecimentos. A lembrança tem uma conexão com a memória, sendo limitada, pois nunca teremos a capacidade de relembrar tudo que vivemos. Toda vivência precisa passar por um longo caminho até se tornar uma ação duradoura. (BOSI, 1994). Sem a memória a sociedade não conhece sua história e dessa maneira acaba cometendo os mesmos erros do passado.

3- MEMÓRIAS ESCOLARES E EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Sou Isabel Cristina Pereira de Oliveira, nasci em 19 de junho de 1992, na maternidade Senhora da Luz. Filha de Manoel Soares de Oliveira e Maria da Luz Pereira de Oliveira. Nasci em Guarabira, hoje moro em Pilõezinhos, na zona urbana. A cidade é muito pequena e pouco desenvolvida, com pouco mais de 6.000 habitantes. Venho de família muito humilde, meus pais sempre trabalharam na roça, plantando milho, feijão, dentre outras sementes para ajudar no sustento familiar. São pessoas batalhadoras, das quais tenho muito orgulho!

Tenho 24 anos e me considerei uma criança até alguns anos atrás, na verdade ainda acho que sou. Vou contar um pouco da minha vida escolar e de tudo que passei para chegar ao mundo universitário, foram dias de glórias e muitas lutas, mas também de muita diversão e descontração. Estudei tanto o ensino Fundamental quanto o Médio em escola pública.

Na fase pré-escolar estudei na Escola José Alves de Melo, que fica na zona urbana da cidade. Esta possui uma estrutura pequena, carente de recursos, onde existe apenas duas salas de aula, um banheiro masculino e outro feminino, uma cantina e filtros com água dentro das salas, as professoras tinham enormes dificuldades metodológicas devido à escassez de recursos.

Não tenho muitas lembranças da fase pré-escolar, eu era muito tímida, tranqüila, podemos dizer que tranqüilidade não é uma qualidade tão comum entre crianças. Geralmente, as crianças, na grande maioria, são bem agitadas, embora no pré-escolar sejam mais afeitas à autoridade da professora. Chegava chorando todos os dias em casa, pois meus colegas sempre me batiam ou me machucavam de alguma forma, às vezes com brincadeiras maldosas, ou de forma inconsciente e a professora tinha pouco domínio sobre esses acontecimentos, devido às dificuldades promovidas pelo coletivo de estudantes, onde a maioria se encaixava num perfil de criança agitada, porém procurava sempre resolver as coisas da melhor maneira possível, buscando orientar os alunos a não fazer “maldade” com seu colega, para que assim o ambiente voltasse a ser um lugar favorável.

O ensino Fundamental estudei na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Silvio Porto, na Rua Manoel Alves de Sousa em Pilõezinhos (PB), próxima a minha casa. Portanto, era um local de melhor acesso para mim. Quando iniciei a primeira série em 1999, tive muitas dificuldades de aprendizagem, pois era uma criança muito calada, quieta e desencantada do mundo. Apesar da atenção que eu sempre recebi dos meus pais, que sempre me amaram e criaram da melhor forma possível, era um ser triste e que tinha pouco encantamento com o mundo, pois me sentia uma estranha em meio às “pessoas normais”, em meios aos coleguinhas que sempre me excluía de seus círculos de amizade. Eu tinha poucos amigos e pouca esperança nas pessoas adultas, pois a maioria delas me transmitia insegurança, e essa visão só foi sendo desmistificada com o passar dos anos.

Era cheia de medos e inseguranças dentro da sala de aula e não tinha quem me ajudasse a superar todas essas coisas. Tirava notas ruins durante o primeiro bimestre, mas aos poucos fui superando e me esforçando para ser uma aluna melhor. Os coleguinhas zombavam de mim, chamando-me de “burra” e aquilo me causava uma dor enorme, mas ao mesmo tempo era o que me dava forças para lutar. Minha professora era uma pessoa batalhadora e sempre procurava fazer o melhor para ajudar seus alunos.

Já na segunda série, era uma das melhores alunas da sala, pois tirava boas notas e me dedicava totalmente aos meus estudos. A professora era muito atenciosa, estando sempre pronta para ajudar os alunos. Era carinhosamente chamada de Ninha, demonstrando ser uma pessoa muito simples e uma mulher que se dedicava ao seu ofício de educadora.

Na terceira série tive momentos difíceis, pois fazia parte de uma turma muito bagunceira, sofri assédio por parte de colegas de sala, um dele chegou a mostrar o órgão sexual e eu, simplesmente, não tive coragem de reagir a esse ato imundo. O professor tinha um estilo totalmente tradicional, a relação professor-aluno era marcada pelo autoritarismo do primeiro em relação ao segundo. Somente o professor possuía conhecimento para ensinar, o papel do aluno era o de receber o conhecimento transmitido. O silêncio em sala de aula era imposto pela autoridade docente.

Chegando a quarta série comecei a viver uma realidade diferente, tenho lembranças inesquecíveis da minha professora dessa época, Hilda Alves, uma educadora que marcou minha vida de forma positiva, pois me ajudou a ser uma pessoa melhor e me fez acreditar em meus sonhos. Hoje, o ensino não conta mais com a maravilhosa presença dela, mas seu nome será para sempre lembrado por todos aqueles que admiravam seu trabalho.

No fundamental 2, ainda criança, aos 11 anos, vivi a fase das descobertas, das curiosidades e dos desejos. Era uma pessoa complicada e confusa, cheia de medos e inseguranças, gostava muito de futebol e, por isso, sofria *bullying*. Muitos colegas chamavam-me de “machão” ou “sapatão”. Frequentemente saía de cabeça baixa e chorando, mas nunca reagia às “ofensas”. Desde criança, somos influenciados a seguir quase que um manual de como se viver na nossa sociedade, somos educados por uma base familiar que dita todas as regras, foi nesse momento que percebi que existia um mundo além daquele que sempre vivi. Essa fase é chamada de socialização secundária, pois é nesse momento que a criança começa a ter percepção sobre as coisas que lhe rodeiam e sobre o meio social.

É na socialização secundária que a criança começa a perceber o contexto social que está a sua volta, até então para a criança existia somente o mundo de seus pais, o qual ela internalizou sendo único e não como pertencente a contextos institucionais. Nesse momento, a criança compreende que o mundo de seus pais não é único, e que o professor é um funcionário institucional e que atua como uma função diferenciada da função que é exercida pelos seus pais em sua socialização primária. (AQUINO; FRANÇA, s.d, p.4)

É durante essa fase que a criança começa a perceber que existe um mundo além do que lhe foi imposto à vida toda, e que não existe uma única forma de se pensar. Nossa cabeça dá um nó se pensarmos em tudo ao mesmo tempo. Olhamos para todos os

lados, onde nos aparecem vários rótulos a serem seguidos: corpos, jeitos e roupas, tudo para atender as demandas da sociedade.

Eu era uma aluna esforçada, procurava sempre dá o melhor de mim, dentro dos meus limites e das minhas possibilidades. Já na fase da adolescência, tive pessoas marcantes na minha trajetória como a professora de Língua Inglesa Arlete, seu jeito alegre contagiava a todos, sua forma espontânea de conduzir as aulas agradava a grande maioria dos alunos. Sempre tive muitas dificuldades em Matemática, matéria na qual eu não conseguia ter um bom desempenho, ainda mais com a forma que o professor ensinava. Ele tinha domínio dos assuntos, mas a aula era ministrada como se fosse para ele próprio.

Tenho boas lembranças de uma das minhas professoras de Português, Dona Oneide, mulher batalhadora, um dos grandes exemplos que levo em minha vida. Com ela aprendi a ser alguém melhor e me tornei uma pessoa mais centrada nos meus objetivos. A oitava série foi uma das turmas mais marcantes da minha vida, precisamente no ano de 2006. Nessa fase escolar construí amizades, que carrego até hoje, lembro-me bem de: Valquíria, Roseane, Márcia e Maria, éramos cinco, andávamos sempre juntas, fazíamos trabalhos juntas. São pessoas que marcaram minha vida e que levarei para sempre em meu coração.

Sempre fui apaixonada por História e durante a oitava série fui percebendo que era esse o rumo que eu queria seguir. Tive uma professora que não deixou boas lembranças, mas meu amor pela disciplina era mais forte. Meus pais sempre me apoiaram, apesar das poucas condições econômicas, nunca deixaram faltar o essencial. A eles dedico esse memorial e tudo que sou hoje.

Avançando no curso das séries, estudei o Ensino Médio na mesma escola. Foi um período de grandes conquistas, pois me tornei poetisa e comecei a escrever novas páginas da minha história. Tive a oportunidade de aprender um pouco de matemática, pois tive um professor que era genial, um dos melhores com quem estudei na vida. Também quero deixar meu agradecimento à professora de língua portuguesa, Rafaela, apesar de termos convivido por pouco tempo, tive a oportunidade adquirir novos conhecimentos através de suas aulas. Profissional competente e dedicada ao seu ofício!

O terceiro ano foi muito marcante em minha vida, a escola criou um evento chamado: Fest Cultura, foi quando me aproximei de uma professora que ensinava no

fundamental II na escola, chamava-se Daviana. Formada em História no campus de Guarabira, professora concursada do estado e pós-graduada na UFPB. A professora Daviana era uma das mentoras do evento, para o qual fui convidada a participar. Fiz uma proposta de levar cordéis para apresentar, pois meu pai é poeta e queria divulgar o seu trabalho, meu herói que apesar de ser uma pessoa de pouca escolaridade e que mal sabe escrever seu nome, possui facilidade com a composição de poemas. Fui eu quem grafou os cordéis que foram narrados pelo meu pai que sempre trabalhou pesado para o sustento dos seus filhos. Trata-se de uma pessoa sempre forte, pronta para as atividades do campo e que tem uma mente brilhante. Aprendi a cuidar do meu pai e estava sempre ali a ouvir suas palavras, com um caderno e um lápis na mão para registrar seus pensamentos.

Foi então que Daviana me questionou: “ Por que você mesma não escreve um cordel?” Essa ideia nunca tinha me passado pela cabeça. Eu falei que talvez pudesse tentar. Cheguei em casa, peguei um caderno e um lápis e comecei a escrever, e em pouco tempo consegui fazer minha primeira estrofe e estava muito feliz. Foi então que descobri um grande talento guardado dentro de mim, mas obscurecido. Agradeço primeiramente a meu pai, que com suas palavras sempre me encantou e aos poucos fui descobrindo esse dom. Em segundo a minha grande amiga, que me deu forças e me encorajou a seguir. Hoje, eu e meu pai trabalhamos sempre juntos, um aprende com outro, e através disso temos a oportunidade de evoluir cada vez mais.

Também comecei a me prepara para o vestibular, Daviana foi uma pessoa muito importante nessa fase, sempre estava do meu lado, criou um grupo de estudos para ajudar os alunos que queriam ingressar numa faculdade. Todos os sábados à tarde nos encontrávamos em uma escola, e eu tinha muitas dificuldades para escrever uma redação, porém aos poucos fui aprimorando e desenvolvendo a escrita. Quando ela corrigia minhas redações eu voltava para casa desanimada, de cabeça baixa, até que fiz o vestibular pela primeira vez e não passei, mas continuei estudando e no ano seguinte consegui passar. Sou eternamente grata a tudo que ela fez por mim.

Passei no vestibular e comecei com muito entusiasmo, mesmo quando, às vezes, as pessoas me perguntavam: “Mas por que História? Que coisa sem graça...” Com o passar dos dias, percebi que os caminhos percorridos dentro de uma universidade são árduos, mas faz com que nos tornemos novas pessoas, com concepções de vida que vão além dos conceitos impostos pela sociedade.

A faculdade abre espaços que nunca foram propostos para nós em toda caminhada escolar, pois inúmeras foram as vezes que tínhamos algo a protestar, mas existia uma coisa que nos bloqueava. Tudo que eu mais queria era poder expressar minhas ideias, dizer tudo o que um dia não consegui, e hoje me tornei uma pessoa livre para expressar minhas opiniões.

Em 2011 iniciei o curso de História, no começo tive muitas dificuldades, mas Deus colocou em nossas vidas um anjo chamado Marisa Tayra. Ela partiu desta vida, mas permanece no coração de cada pessoa que teve a oportunidade de conhecê-la.

Em 2012, me afastei da UEPB, divido alguns problemas pessoais. Fiquei depressiva, foram dias horríveis que passei em minha vida. Um ano depois voltei, e continuei minha caminhada. Produzi vários cordéis que foram apresentados nos seminários, podendo assim trazer um pouco da minha cultura para dentro da universidade. Hoje estou perto de terminar o curso e tenho muito a agradecer, não me arrependo de ter vivido intensamente, apesar de ter passado por uma situação difícil. Não tenho do que me arrepender, talvez se eu não tivesse passado por tudo isso, não teria conhecido pessoas tão especiais as quais convivo atualmente. Acredito que tudo nessa vida tem um propósito, nada acontece por acaso!

Quero agradecer a todos os professores da UEPB, dedico todo o meu carinho e gratidão a vocês que, além de transmitirem suas experiências, souberam apoiar-nos em nossas dificuldades. Como forma de homenageá-los, deixo alguns versos escritos por mim:

Agradecer é uma das virtudes
Que existe na humanidade
Reconhecer quem sempre fez
Pela nossa sociedade
De todos os meus professores
Que são grandes educadores
Só me restará saudade.

Agradeço a todos vocês
Pela coragem e dedicação

Por tudo que sempre fizeram
Para melhorar nossa educação
Pelo importante papel
Pra vocês eu tiro o chapéu
E agradeço de coração.

Isabel Cristinny (Nome artístico)

3.1 - ELEMENTOS PARA REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

A presente descrição foi elaborada com a meta de relatar as vivências ocorridas em sala de aula, através do cumprimento do componente curricular, Estágio Supervisionado III, na instituição de ensino E. E. F. Odilon Nelson Dantas, na turma do 3^a ano do Ensino Médio, na cidade de Cuitégi/PB.

De acordo com Selma Garrido Pimenta (1995), o ensino-aprendizagem é a essência da atividade prática do professor, já a atividade teórica possibilita o conhecimento da realidade, para que dessa forma sejam estabelecidas finalidades para a sua transformação. O Estágio é um componente curricular que se configura como uma atividade, e não como uma disciplina.

O relato consiste numa narrativa sobre como se desenvolveu o período do estágio, ou seja, como se deu o período da regência, abordando como se desenvolveram as aulas, como foi a experiência no ensino médio, e dessa maneira podermos nos preparar para exercer nossa profissão.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Unidade Introdutória: O trabalho do historiador
 - a) Módulo 1: A percepção da passagem do tempo
 - b) Módulo 2: As periodizações da História
 - c) Módulo 3: O trabalho do historiador hoje
 - d) Módulo 4: Instituições de memória e história

- Capítulo 44: Primeira República No Brasil
 - a) Módulo 1: Os momentos finais da monarquia no Brasil
 - b) Módulo 2: Os primeiros presidentes militares
 - c) Módulo 3: Os cafeicultores instalam-se no poder
 - d) Módulo 4: Modernização e violência na capital da República
 - e) Módulo 5: Revoltas na Primeira República

- Oficina: Democracia
 - a) Módulo 1: O Papel da Democracia
 - b) Módulo 2: A mulher na Democracia
 - c) Módulo 3: Os reflexos da má cidadania na sociedade

OBSERVAÇÃO DA ESCOLA

No dia 5 de setembro de 2016, fui à escola estadual Odilon Nelson Dantas em Cuitegi-PB, juntamente com a companheira de turma Nayara Rayane do Nascimento Epaminondas, objetivando realizar a observação da escola. Ao chegar à instituição, procuramos o diretor e pedimos permissão para realizar o estágio, sendo a nossa demanda aceita. Conversamos também com os demais membros da gestão escolar: vice-diretor, coordenadora, inspetora, secretária, porteiro, professores, além de alunos. Assim, tivemos uma melhor condição para conhecermos o ambiente e as vivências escolares deles.

A escola possui uma estrutura muito precária quanto à estrutura física e de materiais didáticos, pois não possui recursos que estimule o professor a sair do estilo tradicional, porém não impede a busca de novas formas de ensino. Trata-se de uma escola carente de recursos materiais, onde se requer um esforço além da conta por partes dos professores para realizar uma aula diferente.

A turma que decidimos acompanhar para posteriormente ministrar a aula foi a do terceiro ano do Ensino Médio, que estava sob a responsabilidade do professor Edwin Luith, que explicou sua metodologia de trabalho: estabelecer relações com a realidade dos seus alunos e o assunto estudado, para assim facilitar o processo de ensino-aprendizagem e mudar essa realidade, levando o aluno a refletir sobre sua importância na sociedade, fazendo-o pensar e questionar e, assim, construir opiniões próprias,

estabelecendo dessa maneira uma nova relação entre professores e alunos. Bulgraen (2010) enfatiza que professor é um mediador entre o conhecimento e o estudante, ou seja, ele deve fazer com que o aluno se torne um ser pensante:

Sem dúvida, o professor além de ser educador e transmissor de conhecimento, deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a “pensar” e a questionar por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do educador. (BULGRAEN, 2010, p.31)

É preciso que o professor compreenda a dimensão do diálogo com seus alunos, e que não seja apenas um mero transmissor de conhecimentos. O professor deve assumir o papel de mediador, de alguém capaz de unir a teoria e a prática, para que assim, leve seu aluno a fazer uma reflexão sobre seu papel como ator social, e sobre a realidade em que ele está inserido.

DESCRIÇÃO DAS AULAS

O primeiro dia de regência foi em 12 de setembro, eu a companheira Nayara, nós iniciamos a aula de 13h00min e encerramos às 14h30min. O professor sugeriu que déssemos continuidade ao assunto já iniciado por ele. Mas antes de adentrar no tema, iniciamos falando sobre: “O Trabalho do Historiador”. O objetivo era mostrar a importância da História para a sociedade e que o ensino de história nos faz conhecer uma realidade passível de transformações.

A formação social do aluno está ligada ao conhecimento de sua cultura, ou seja, as suas crenças, tradições, normas e padrões. Esse processo de socialização dura a vida inteira, pois durante esse tempo o indivíduo passa por várias transformações. O tempo histórico passado e presente são de fundamental importância para a compreensão das relações sociais de cada civilização. O estudo da História deve estar na formação de cada cidadão, proporcionando a ele desenvolver seu conhecimento, transformando-o em um cidadão capaz de formar seus próprios conceitos. (BRIZOLA, 2014).

Foi uma aula produtiva, com exposição de imagens, utilizando o livro didático, contando com o estímulo do professor Luith para que os alunos interagissem e participassem da aula. O livro didático é um dos recursos mais utilizados na sala de

aula, considerado um instrumento de grande valor que está presente em nosso contexto desde o período colonial. Santos e Martins, enfatizam que:

Todo livro didático, ademais, apresenta em seu contexto uma guia ao professor, e numa perspectiva 'ditadora', alguns docentes acreditam que os livros trazem ao professor o que deve ser ensinado e como deve ser desenvolvido cada conteúdo em sala de aula, apresentando ainda os resultados que devem ser alcançados. O que se percebe é que o guia do professor na sua relação com o educador deve exercer o papel de um “manual de instruções”, então, o seu papel é trazer de forma discursiva textos que possam assessorar o educador durante todo o processo de elaboração e execução das aulas e não padronizar a prática pedagógica destes profissionais. (SANTOS; MARTIN, 2011, p.29)

O livro didático deve ser usado como um manual de instruções que auxilie o educador durante as aulas, e não como algo padronizado que impeça o professor de buscar outras formas de ensinar. A turma era envolvida e boa de se trabalhar devido à atenção que alunos prestavam à exposição dos conteúdos.

No dia 14 de setembro de 2016, trabalhamos o capítulo 44 do livro didático: “Ser Protagonista: História - Ensino Médio”, pegando o módulo um e dois com a temática: “Os momentos finais da monarquia” e “O início da primeira República”. Mostramos que o elemento fundamental para a crise da Monarquia foi o desgaste entre os militares e o Império.

Discutimos ainda o governo provisório de Deodoro da Fonseca, o Encilhamento, a Constituição de 1891 e seus efeitos. Damos sequência com o Governo constitucional de Deodoro, o autoritarismo florianista, a Revolução Federalista e a Revolta Armada. Devido ao tempo escasso e a extensão do assunto, recomendamos que os alunos assistissem ao filme de Canudos e lessem alguns capítulos do livro “Os sertões” de Euclides Cunha como atividade para casa.

A aula foi bastante produtiva, os alunos compreenderam boa parte dos conteúdos. Entenderam o contexto histórico da época, através de aula participativa em meio ao uso de recursos como quadro branco e algumas imagens para contextualizar o período republicano.

No dia 19 de setembro de 2016, trabalhamos o módulo três e quatro do livro didático: “Os cafeicultores instalam-se no poder”. Abordamos também a extração da borracha na Amazônia e a questão do Acre (ano). A política dos governadores, o coronelismo e o voto de cabresto (e como essa política ainda toma nossos dias atuais, principalmente, nas cidades do interior da Paraíba), o poder dos governadores e o “café

com leite” que se refere à predominância de Minas Gerais e São Paulo no cenário político nacional.

Quanto ao módulo três: “Os cafeicultores se instalam no poder”, pedimos que eles fizessem uma breve pesquisa em casa, assistindo documentários, e lendo artigos de revistas antigas na internet, para que eles pudessem explorar mais o assunto. Indicamos alguns filmes, para que assim eles conseguissem adquirir novas formas de conhecimento através da arte das telas, o cinema, que está ligado diretamente com a percepção de mundo.

No dia 26 de setembro de 2016, trabalhamos os módulos quarto e quinto do livro didático: “Modernização e violência na capital da República” e “Revoltas na Primeira República”. Fizemos uma introdução mostrando como é formada uma cidade, fazendo conexões com a realidade deles, depois falamos da modernização da capital, buscando fazer com que os alunos entendessem o conteúdo.

Nos módulos quarto e quinto, demos ênfase às inovações de modernização da cidade, a reforma do Rio de Janeiro e seu processo de modernização, a campanha sanitária de Osvaldo da Cruz, a Revolta da Vacina, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro em 1904, onde houve vários conflitos urbanos violentos entre populares e forças do governo.

Ao final da aula, realizamos uma espécie de simulado com o conteúdo ministrado ao longo das aulas, melhor contribuindo para o Exame Nacional do Ensino Médio (em anexo).

No dia 28 de setembro de 2016, decidimos fazer algo diferente e abordamos a questão da democracia, já que as eleições municipais se aproximavam. Falamos um pouco sobre o contexto histórico da palavra, que teve sua origem na Grécia Antiga, porém, a democracia naquela época era limitada. A aula foi muito produtiva, e os alunos participaram e debateram sobre o assunto, com o qual encerramos nosso período de estágio.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos neste trabalho que a memória e a autobiografia podem aperfeiçoar os estudos sobre a formação docente, e dessa maneira o ofício do professor pode ser

discutido. As narrativas memorialísticas dos profissionais da educação são de grande importância para entendermos a relação estabelecida na sala de aula entre alunos e professores. A memória possui um papel importante na formação da identidade do indivíduo, pois ela é propriedade pela qual podemos conservar o nosso passado.

O Estágio Supervisionado é um exercício de suma importância para a formação dos futuros professores, pois é através do mesmo que temos a possibilidade de vivenciar as dificuldades existentes e enfrentadas pelos docentes nas escolas de ensino regular. Através do Estágio Supervisionado podemos aperfeiçoar a postura que construímos ao longo do curso por meio das aulas práticas de ensino de História.

No período da realização da regência, foi percebida a necessidade de buscar metodologias e recursos para ministrar as aulas de acordo com a especificidade da turma. Vale salientar que a regência teve um resultado considerável, com uso da metodologia de aula expositiva e dialogada, houve uma boa participação dos alunos, e os mesmos afirmaram que gostaram da aula; é certo que essa foi uma experiência de extrema importância para minha vida profissional.

REFERÊNCIAS

AQUINO, França. *Suzana Maria de. et al. Os limites da escola no processo de socialização do indivíduo: Um estudo de caso com professores da rede pública de ensino do município de Nova Olímpia-MT.* Mato Grosso – s.d.

BLANC, Jacob. O último preso político: Juvêncio Mazzarollo no crepúsculo da ditadura militar no Brasil. *Tempos Históricos* • Volume 20 • 2º Semestre de 2016 • p. 396-424.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

BRIZOLA, Jairo (2014b). **A Importância da história para a sociedade.** Mato Grosso, 31 de jan. 2014. Disponível em: <http://professorjairohistoria.blogspot.com.br/2014/01/a-importancia-da-historia-para-sociedade.html>. Acesso em: 25 mar.2017.

BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. *Revista Conteúdo, Capivari*, v.1, n.4, ago./dez. 2010.

BURKE, Peter. “**História como memória social**”. In: *Varieties de história cultural.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 67-89.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

MARTINS, Rosana Maria. MILITZ, Souza. Estágio supervisionado em memoriais de formação: As narrativas (Auto) biográficas de licenciandas sobre a futura atuação profissional. Junqueira&Marin Editores. Campinas, 2012.

NOGUEIRA, Eliane Greice Davanço; SORATO; SILVA. O potencial formativo da escrita de memoriais de professores: Reflexões sobre o processo de autoformação profissional. Junqueira&Marin Editores. Campinas, 2012.

PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. Práticas de memória nos relatórios de estágio em História: breves reflexões sobre autobiografias. São Leopoldo: Unisinos, 2015. P. 294-309.

PASSERINI, Gislaine Alexandre. **O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL.** 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

ROIZ, Diogo da Silva. **A biografia na história, a história na biografia.** São Paulo: Edusp, 2011.

SANTOS, Vanessa dos Anjos. MARTINS, Liziane. A importância do livro didático. Candombá – Revista Virtual, v. 7, n. 1, p. 20-33, jan – dez 2011.

SAVELI, Esmeria de Lourdes. Narrativas Autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação. Praxis Educativa. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 94-105, jan.-jun 2006.

SCHILLING, Flávia. **Memória da Resistência ou a resistência como construção da memória.** In: Padrós, E.S.; Barbosa, V.; Lopez, V.A.; Fernandes, A.S. (Org.). A Ditadura de Segurança Nacional No Rio Grande do Sul (1964-1985): História e Memória – Conexão Repressiva e Operação Condor, vol.3 – SEGUNDA EDIÇÃO. 2ed. Porto: Corag; Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul; UFRGS; Escola do Legislativo, 2010, v. 3, p. 141-154.

SILVA, Gilvanete Lopes da. **Memórias de uma educadora vitoriosa.** Edufrn. Natal, 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação.** Edufma. Maranhão, 2007.

ANEXO





ENEM 2011 QUESTÃO 26

É difícil encontrar um texto sobre a Proclamação da República no Brasil que não cite a afirmação de Aristides Lobo, no Diário Popular de São Paulo, de que “o povo assistiu àquilo bestializado”. Essa versão foi relida pelos enaltecedores da Revolução de 1930, que não descuidaram da forma republicana, mas realçaram a exclusão social, o militarismo e o estrangeirismo da fórmula implantada em 1889. Isto porque o Brasil brasileiro teria nascido em 1930

MELLO, M. T. C. A república consentida: cultura democrática e científica no final do Império.
Rio de Janeiro: FGV, 2007 (adaptado).

O texto defende que a consolidação de uma determinada memória sobre a Proclamação da República no Brasil teve, na Revolução de 1930, um de seus momentos mais importantes. Os defensores da Revolução de 1930 procuraram construir uma visão negativa para os eventos de 1889, porque esta era uma maneira de

- A- Valorizar as propostas políticas democráticas e liberais vitoriosas.
- B- Resgatar simbolicamente as figuras políticas ligadas à Monarquia.
- C- Criticar a política educacional adotada durante a República Velha.
- D- Legitimar a ordem política inaugurada com a chegada desse grupo ao poder.
- E- Destacar a ampla participação popular obtida no processo da Proclamação.

2) (ENEM-2006) A moderna democracia brasileira foi construída entre saltos e sobressaltos. Em 1954, a crise culminou no suicídio do presidente Vargas. No ano seguinte, outra crise quase impediu a posse do presidente eleito, Juscelino Kubitschek. Em 1961, o Brasil quase chegou a guerra civil depois da inesperada renúncia do presidente Jânio Quadros. Três anos mais tarde, um golpe militar depôs o presidente João Goulart, e o país viveu durante vinte anos em regime autoritário. A partir dessas informações, relativas a história republicana brasileira, assinale a opção correta.

a) Ao término do governo João Goulart, Juscelino Kubitschek foi eleito presidente da República.

- b) A renúncia de Jânio Quadros representou a primeira grande crise do regime republicano brasileiro.
- c) Após duas décadas de governos militares, Getúlio Vargas foi eleito presidente em eleições diretas.
- d) A trágica morte de Vargas determinou o fim da carreira política de João Goulart.
- e) No período republicano citado, sucessivamente, um presidente morreu, um teve sua posse contestada, um renunciou e outro foi deposto.

Exercício 4: (Enem 2014)

O problema central a ser resolvido pelo Novo Regime era a organização de outro pacto de poder que pudesse substituir o arranjo imperial com grau suficiente de estabilidade. O próprio presidente Campos Sales resumiu claramente seu objetivo: “É de lá, dos estados, que se governa a República, por cima das multidões que tumultuam agitadas nas ruas da capital da União. A política dos estados é a política nacional”.

CARVALHO, J. M. Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 (adaptado).

Nessa citação, o presidente do Brasil no período expressa uma estratégia política no sentido de:

- A) Governar com a adesão popular.
- B) Atrair o apoio das oligarquias regionais.
- C) Conferir maior autonomia às prefeituras
- D) Democratizar o poder do governo central.
- E) Ampliar a influência da capital no cenário nacional

Exercício 5: (Enem 2014)

A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que começa a ser construída apenas em 1905, foi criada, ao contrário das outras grandes ferrovias paulistas, para ser uma ferrovia de penetração, buscando novas áreas para a agricultura e povoamento. Até 1890, o café era quem ditava o traçado das ferrovias, que eram vistas apenas como auxiliadoras da produção cafeeira.

CARVALHO, D. F. Café, ferrovias e crescimento populacional: o florescimento da região noroeste paulista. Disponível em: www.historica.arquivoestado.sp.gov.br. Acesso em: 2 ago. 2012.

Essa nova orientação dada à expansão ferroviária, durante a Primeira República, tinha como objetivo a:

- A) articulação de polos produtores para exportação.
- B) criação de infraestrutura para atividade industrial.
- C) integração de pequenas propriedades policultoras.
- D) valorização das regiões de baixa densidade demográfica
- E) promoção de fluxos migratórios do campo para a cidade

Exercício 6: (Enem 2011)

Até que ponto, a partir de posturas e interesses diversos, as oligarquias paulista e mineira dominaram a cena política nacional na Primeira República? A união de ambas foi um traço fundamental, mas que não conta toda a história do período. A união foi feita com a preponderância de uma ou de outra das duas frações. Com o tempo, surgiram as discussões e um grande desacerto final.

FAUSTO, B. História do Brasil. São Paulo: EdUSP, 2004 (adaptado).

A imagem de um bem-sucedido acordo café com leite entre São Paulo e Minas, um acordo de alternância de presidência entre os dois estados, não passa de uma idealização de um processo muito mais caótico e cheio de conflitos. Profundas divergências políticas colocavam-nos em confronto por causa de diferentes graus de envolvimento no comércio exterior.

TOPIK, S. A presença do estado na economia política do Brasil de 1889 a 1930. Rio de Janeiro: Record, 1989 (adaptado).

Para a caracterização do processo político durante a Primeira República, utiliza-se com frequência a expressão Política do Café com Leite. No entanto, os textos apresentam a seguinte ressalva a sua utilização:

- A) A riqueza gerada pelo café dava à oligarquia paulista a prerrogativa de indicar os candidatos à presidência, sem necessidade de alianças
- B) As divisões políticas internas de cada estado da federação invalidavam o uso do conceito de aliança entre estados para este período.
- C) As disputas políticas do período contradiziam a suposta estabilidade da aliança entre mineiros e paulistas
- D) A centralização do poder no executivo federal impedia a formação de uma aliança duradoura entre as oligarquias.
- E) A diversificação da produção e a preocupação com o mercado interno unificavam os interesses das oligarquias.

Questão 1

(VUNESP) Na Primeira República (1889-1930) houve a reprodução de muitos aspectos da estrutura econômica e social constituída nos séculos anteriores. Noutros termos, no final do século XIX e início do XX conviveram, simultaneamente, transformações e permanências históricas. (Francisco de Oliveira. Herança econômica do Segundo Império, 1985.)

O texto sustenta que a Primeira República brasileira foi caracterizada por permanências e mudanças históricas. De maneira geral, o período republicano, iniciado em 1889 e que se estendeu até 1930, foi caracterizado:

- a) pela predominância dos interesses dos industriais, com a exportação de bens duráveis e de capital.
- b) por conflitos no campo, com o avanço do movimento de reforma agrária liderado pelos antigos monarquistas.
- c) pelo poder político da oligarquia rural e pela economia de exportação de produtos primários.
- d) pela instituição de uma democracia socialista graças à pressão exercida pelos operários anarquistas.

e) pelo planejamento econômico feito pelo Estado, que protegia os preços dos produtos manufaturados.

PUC – Rio, 2006) Durante a Primeira República (1889 – 1930), houve, na sociedade brasileira, revoltas que, a despeito das diferenças, expressaram a insatisfação e a crítica de grupos populares quanto aos mecanismos de exclusão social e política e às estratégias de expansão dos interesses oligárquicos, então vigentes. Assinale a alternativa que identifica CORRETAMENTE revoltas dessa natureza:

- A) Guerra de Canudos e Revolta da Vacina.
- B) Revolta Federalista e Guerra do contestado.
- C) Revolta da Vacina e Revolta da Armada.
- D) Revolta da Chibata e Revolta Federalista
- E) Guerra do Contestado e Revolta da Armada.

2. (UERJ) Sobre o Tenentismo no Brasil durante a Primeira República (1889-1930) é correto dizer:

- a) Foi um grupo formado por jovens militares com o objetivo de instalar um regime comunista no Brasil.
- b) Representou um grupo de oligarquias cafeeiras que primavam pela continuidade do trabalho escravo no Brasil.
- c) Foi um movimento constituído por jovens tenentes do exército que realizaram várias manifestações contrárias ao governo das oligarquias durante a Primeira República no Brasil.
- d) Constitui-se por jovens militares durante os anos de 1920 e 1930, com a prioridade de continuar com a política de café-com-leite no cenário político nacional.